



“No rastro do aquecimento global”: os enquadramentos discursivos na série Crise do clima da *Folha de São Paulo*

Mathias Lengert¹
Rosiane Zanovello²
Cláudia Herte de Moraes³

Universidade Federal de Santa Maria campus Frederico Westphalen

Resumo: Este estudo apresenta uma análise sobre os enquadramentos discursivos ofertados pela série de reportagens Crise do clima veiculado na versão digital do jornal *Folha de São Paulo* de abril a junho de 2018. Visando investigar o modo de produção desses enquadramentos discursivos (Moraes, 2016) a pesquisa abarca como procedimento teórico-metodológico a Análise do Discurso (Pêcheux, 1995; Orlandi, 2007) que possibilitou agregar os sentidos decorrentes em treze famílias parafrásticas, e estas, em cinco formações discursivas. Esta análise proporcionou o entendimento de que cada formação discursiva possui um enquadramento discursivo, que sugerem por sua vez a fragilidade humana frente aos efeitos climáticos bem como a inação na tomada de ações.

Palavras-chave: Enquadramento discursivo; jornalismo ambiental; crise climática; análise do discurso; *Folha de São Paulo*.

¹ Graduando do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria campus Frederico Westphalen. Bolsista de Iniciação Científica FIPE Jr./UFSM do projeto de pesquisa "Enquadramentos discursivos em reportagens sobre o futuro do planeta". E-mail: mathias.lengert@gmail.com

² Graduanda de Jornalismo da UFSM campus Frederico Westphalen. Integrante do projeto de pesquisa "Enquadramentos discursivos em reportagens sobre o futuro do planeta". E-mail: rosizanovello@gmail.com

³ Orientadora da pesquisa. Professora da UFSM campus Frederico Westphalen. Doutora em Comunicação e Informação. Líder do Grupo de Pesquisa Mediação - Educação e Meio Ambiente (CNPq). E-mail: chmoraes@gmail.com

1. A crise climática e o fazer jornalístico ambiental

“O Juízo Final já não é um conceito religioso, um dia de avaliação espiritual, mas uma possibilidade iminente em nossa sociedade e nossa economia”
(GIDDENS, 2010)

Os efeitos catastróficos das mudanças climáticas são cónitos à população mundial, embora que ainda representem dúvidas quanto a forma que assumirão e quais posições devem ser adotadas (LOVELOCK, 2006). Daí a importância de um jornalismo engajado com a temática ambiental, que se posicione como construtor de uma sociedade participativa e cidadã. Este estudo, concebido nesse contexto caótico indicado pelas demonstrações da fúria da natureza versa sobre as posições no discurso jornalístico tomadas na série de reportagens “Crise do clima: no rastro do aquecimento global” veiculado na versão digital do jornal *Folha de São Paulo*, em 2018. Nove reportagens - ou capítulos, como o jornal denomina - compõem a série que explora o modo que os efeitos climáticos têm afetado localidades de três continentes.

A mudança climática é questão habitual nos debates contemporâneos, na qual as emissões de gases de efeito estufa, geradas pela produção primária e secundária, tem “consequências potencialmente devastadoras no futuro” (GIDDENS, 2010, p. 19).

O discurso jornalístico tem permitido a temática ambiental ganhar espaço na mídia, ainda que atrelado aos desastres naturais e os conflitos ambientais. De fato, o jornalismo ambiental tem compromisso em noticiar as catástrofes, contudo seu papel não se detém apenas a isso. A responsabilidade está atrelada ao fazer jornalístico engajado, que se coloca em defesa ao meio ambiente, garantindo que o campo não seja reduzido a perspectivas específicas e pontuais (BUENO, 2007a).

De fato, o jornalismo ambiental desempenha a interdisciplinaridade, deslocando para o local de fala, sujeitos comuns (BUENO, 2007b). Esse deslocamento, que consiste mais em uma inserção, é ocasionado “sistematizando conceitos, disseminando informações, conhecimentos e vivências” (DORNELLES, 2008, p. 122). Se constitui portanto, uma função pedagógica do fazer jornalístico que observa a existência de problemas que exigem que o jornalista saia da redação, sorvendo e observando o contexto do fato.

Desse modo, o jornalismo ambiental não é restritivo, ele amplifica conexões entre os campos de conhecimento (BUENO, 2007a), indo além de uma especialização jornalística, tendo por características a pluralidade de vozes e sua independência (GIRARDI *et al.*, 2012). Portanto, a complexidade da pauta exige a apresentação de soluções que indiquem caminhos e esclareçam a necessidade de posicionamento do indivíduo (BUENO, 2007a).

2. Jornalismo e a reportagem na internet

O jornalismo se sobressai à cobertura do factual, do relato de fragmentos (LAGE, 2006a), pois sua excelência se centra nas conexões entre a narrativa e os dados que instiga o leitor a explorar o conteúdo a ele entregue.

É neste processo produtivo que se encontra a reportagem, produto imbuído de profundidade que explora com liberdade campos de conhecimento diversos, que serve como ponto de partida para uma exploração plural e abundante (LAGE, 2006b).

Estas características são possibilitadas pela rigidez inferior da reportagem quando comparada a notícia, principalmente àquelas relacionadas ao espaço e a objetividade (LAGE, 2006b). Por outro lado, o interesse humano se torna uma necessidade, na qual se impõe a humanização do relato, que traz para o texto a natureza impressionista e literária. A forma narrativa toma importância, predominando nos textos (SODRÉ; FERRARI, 1986).

Adentrando a reportagem se encontra a usualmente chamada grande reportagem por possuir grande extensão e envolver custos financeiros e humanos elevados. Mais que as questões técnicas, simbolicamente “a grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia” (KOTSCHO, 2007, p. 71) por demandar mais tempo e espaço que os habituais produtos jornalísticos.

É preciso ponderar que a complexidade da narrativa, condutora do leitor a um posicionamento crítico e que amplia a sua visão de mundo, é que apresenta a distinção mais clara da notícia e da reportagem (SODRÉ; FERRARI, 1986). Essa perspectiva se alia aos debates de jornalismo ambiental na qual Bueno (2007a) defende a necessidade do comprometimento e engajamento do jornalista para com o anseio de fazer algo.

Nessa discussão teórica se faz importante abordar a influência da internet na produção jornalística. A junção das mídias, para Jenkins (2009), possibilita que os antigos meios de comunicação transformem suas funções e status com a inserção das novas tecnologias, resultando em uma nova forma de os consumidores interagirem e buscarem por informações.

Ao tratar da reportagem no webjornalismo Di Fátima; Lapa (2017, p.2) defendem que “a reportagem tem na internet a melhor plataforma para o seu pleno desenvolvimento”. Os autores destacam que diferente dos jornais impresso, em que as reportagens têm projetos gráficos específicos e seções especiais, na internet há a possibilidade de construir um ambiente virtual de leitura que condiz com as temáticas discutidas.

Assim, as reportagens possibilitam a observação do enquadramento escolhido para dar ênfase em certos aspectos do acontecimento. Este conceito será elucidado na próxima seção.

3. Análise discursiva

O discurso é fundamentalmente o efeito de sentidos ocasionado por dois locutores (ORLANDI, 2012), e a prática simbólica que se ampara na materialidade da língua, e na observação da ideologia do sujeito, que constitui a partir dela a sua construção do “real”, que não necessariamente corresponde à ideia de “real” compartilhado por outros sujeitos e seus saberes (PÊCHEUX, 2008, p. 43).

A ideologia é constituição fundamental da existência humana, permitindo a interpretação dos sentidos produzidos pela linguagem, bem como, “colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (ORLANDI, 2007, p. 46). Contudo, não apenas a relação da ideologia infere na alteração das condições de produção do discurso: é ela também influenciada pelos aspectos econômicos e sociais.

As formações ideológicas (FI) são suporte do discurso, que por sua vez, se caracteriza como base abstrata “que sustenta os vários textos (concretos) que circulam em uma sociedade” (GREGOLIN, 1995, p. 17), amparados na base material na qual se constitui a língua (PÊCHEUX, 1995).

São estes processos que permitem observar os sentidos, decorrentes desta relação entre a linguagem e a ideologia (ORLANDI, 2007), e construídos na base do interdiscurso, que é o já-dito, isto é “o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ no enunciado” (PÊCHEUX, 1995, p. 99).

O já-dito fundamenta a relação de tensionamento entre paráfrase e polissemia. O pré-construído se relaciona com a paráfrase por propiciar a manutenção de características em cada dizer. A polissemia, pelo contrário é a representação simbólica do rompimento para com os processos da memória, do já-dito (ORLANDI, 2007). É esse embate que faz com que o discurso não seja finalizado, pleno de sentidos repetíveis.

A tensão da paráfrase e da polissemia se constitui no interior da formação discursiva (FD), que também é gerado pela relação com as formações ideológicas de uma sociedade. A FD é “o que se pode e se deve dizer em determinada época, em determinada sociedade” (GREGOLIN, 1995, p. 17). As palavras se dotam com sentidos diversos ao se inscrever em uma FD e não outra, bem como o próprio dizer do sujeito (ORLANDI, 2007).

3.1 Enquadramentos discursivos

O jornalismo se configura no espaço de mediação entre campos e a partir dela pode-se compreender a atuação do enquadramento discursivo. O discurso jornalístico é fundamentado na escolha “do que é dito e do que é silenciado” (SCHWAAB; ZAMIN, 2014, p. 55), o que caracteriza a necessidade de selecionar o modo de relatar os acontecimentos e definir as informações que nela serão empregado, isto é o enquadramento jornalístico (MORAES, 2016).

É nas considerações do enquadramento jornalístico que se tece, junto aos fundamentos da análise do discurso (AD) o enquadramento discursivo, que permite observar a oferta de sentidos promovida por um texto, na sua seleção, exclusão e construção dos fatos que se tornam fragmentos de um fato maior, recortados a partir de interesses (MORAES, 2016).

Assim, o enquadramento se revela como o tom do discurso, podendo ser caracterizada “como um processo no qual as interpretações, construídas simbolicamente pelo campo jornalístico, organizam discursivamente o conhecimento sobre o acontecimento, com marcas de seleção, ângulo e ênfase” (MORAES, 2016, p. 104). A escolha de determinados enquadramentos em paralelo a outro reflete a estrutura do processo discursivo jornalístico, baseado nas formações ideológicas (PÊCHEUX, 1995) que amparam essa escolha. Assim, ao priorizar certos enquadramentos e não outros se reflete a falta de diversidade na construção das abordagens do acontecimento, dado que existem diversos modos de relatar um fato (MORAES, 2016).

4. **Percorso teórico-metodológico**

Este estudo intenta promover uma análise do discurso de matriz pecheutiana, utilizando como suporte o enquadramento discursivo, de caráter de dispositivo analítico (MORAES, 2016). A AD carrega a necessidade de “construir procedimentos [...] capazes de abordar explicitamente o fato linguístico” (PÊCHEUX, 2008, p. 51). Assimila-se aqui a AD como passível de relacionar a língua com a ideologia, “compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2007, p. 17).

Esta análise visa explorar os sentidos ofertados pela série de reportagens “Crise do clima: no rastro do aquecimento global”⁴ veiculadas na versão digital do jornal *Folha de São Paulo*. A série possui nove reportagens ou capítulos, como o próprio jornal nomeia, de 22 de abril a 12 de junho de 2018 - um por semana. A escolha da série partiu pelo veículo de comunicação ser considerada de referência, isto é, por servir “interna e externamente de referência - tanto para a elite formadora de opinião, como para os meios de comunicação - sobre uma parcela do mundo público, qual seja, o país ao qual dirige” (ZAMIN, 2014, p. 939).

A pesquisa se deteve no estudo da série por considerar a reportagem como texto que não se detém apenas na narrativa de um fato (LAGE, 2006b), mas se preocupa com a contextualização do tema que o rodeia, sem perder o caráter informativo e capaz de

⁴ Disponível em: <<https://arte.folha.uol.com.br/ciencia/2018/crise-do-clima/>>

ampliar a visão do público quanto a temática abordada (SODRÉ; FERRARI, 1986). Por tratar da temática ambiental, ela deve ser engajada (BUENO, 2007a). Mais que isso, no entanto, por ser uma grande reportagem, dividida em capítulos, ela é considerada produto jornalístico de excelência devido às suas exigências espaciais e temporais (KOTSCHO, 2007).

Devido à amplitude da série em se servir de recursos textuais de materialidade verbal, imagéticos e audiovisuais, optou-se por analisar a reportagem enquanto materialidade verbal. A escolha pela série “Crise do clima” também partiu por considerar que através do meio digital as mídias convencionais podem utilizar uma nova linguagem, tendo além de uma maior visualização, uma maneira mais rápida de consumo ao leitor (LEMOS, 2010).

As nove reportagens apresentaram 116 sequências discursivas (SDs) reunidas em 13 famílias parafrásticas (FPs), e por sua vez em 5 FDs.

Tabela 1 - Famílias parafrásticas, Formações discursivas e número de sequências discursivas por FD do objeto de análise.

Famílias parafrásticas (FPs)	Formações discursivas (FDs)	Nº de SDs
Insegurança e medo	Rumo ao caos climático	36
A mudança climática está se intensificando		
Urgência no combate aos riscos da mudança climática		
Vítimas da mudança climática	Vulnerabilidade humana	27
Desamparo governamental		
Desigualdade e conflitos humanos		
Impactos ambientais	Efeitos climáticos	16
Prejuízos financeiros		
Discussão e planejamento de ações	Enfrentamento da crise climática	16
Tomada de atitudes		
Culpabilidade pelas problemáticas ambientais	Conflito de deveres	21
Falta de comprometimento com o enfrentamento da crise		
Negação da crise climática		

Fonte: Elaboração dos autores.

Em vista das questões espaciais este estudo se detém em apresentar as marcas discursivas oferecidas no ambiente das formações discursivas, apontando assim sentidos e o tom do discurso ao tratar da crise climática. Assim, as SDs aqui apresentadas são representativas de um corpus que em sua totalidade não pode ser apresentado, e foram escolhidas pelo critério de exemplaridade⁵. A análise mapeou cinco FDs, elucidadas a seguir: (FD 1) Rumo ao caos climático, (FD 2) Vulnerabilidade humana, (FD 3) Efeitos da mudança climática, (FD 4) Enfrentamento da crise climática e (FD 5) Conflito de deveres.

4.1 (FD 1) Rumo ao caos climático

O nome desta FD, de tom pessimista, se assemelha com a visão de futuro apresentada quanto ao seu tom discursivo ao lidar com a crise climática. De fato, as previsões climáticas que apresentam um quadro instável e ameaçador para a sobrevivência de grupos sociais que habitam áreas de risco, causam temor e a sensação da humanidade se encaminhar a um caos climático.

Mais que a isso, as catástrofes que já tem oferecido danos sociais e econômicos que se apresentam como sinais da trajetória a qual estamos nos encaminhando. As seguintes SDs exemplificam a FD 1:

SD 48: No relatório do estado do ambiente de Portugal em 2017, a Agência Portuguesa do Ambiente indica que **os eventos ambientais extremos que marcaram o ano devem ser encarados como um prenúncio do que está por vir.**

SD 49: **“A seca grave, as temperaturas acima da média, a intensificação de fenômenos meteorológicos extremos que vivemos neste ano serão, de acordo com grande parte da comunidade científica, a nova realidade”**, alertam.

Ambas as sequências tratam dos incêndios florestais em Portugal propulsionados pela seca que causou a morte de 117 pessoas. São apresentadas por vozes distintas mas que confirmam as catástrofes como progressivamente mais corriqueiras. Precavém-se os

⁵ As sequências discursivas serão apresentadas em ordem cronológica de cada reportagem. Serão apresentadas as SDs avaliadas como as mais representativas das FDs encontradas.

efeitos adversos não como sintomas pontuais de uma desregulação climática, mas como segmentos de adversidades que irão se impor como uma nova realidade do clima.

É a partir dessas marcas do porvir que se fundamenta as FPs que integram a FD 1. A FP 1 - Insegurança e Medo aborda o temor e a incerteza provocadas pelas catástrofes ambientais e envolvem a angústia da quebra de uma zona de conforto quanto a estabilidade do clima. Essa família parafrástica vai de encontro com a FP 2 - A mudança climática está se intensificando. Ela alerta para o processo da crise climática como não efêmero e traz consigo a certeza de que este processo se expande a cada dia. A FP 2 por fim, adverte para que o leitor se acostume com as mudanças e com os riscos que podem um dia, lhe atingir. Enfim, a FP 3 - Urgência no combate aos riscos da mudança climática tenciona por uma saída do estado de inação quanto à crise climática. A sua construção discursiva parte do entendimento que há uma catástrofe a caminho e que é preciso tomar atitudes.

É nessa articulação de angústia quanto a um processo em expansão e que necessita de ações que revertam o futuro caótico que esta formação discursiva se ampara. A preocupação da FD 1 não se restringe ao presente, ela se aflige vendo que o futuro pode ser um tormento e articula ações a serem feitas no presente. Seu discurso é construído pela lamentação e medo de um futuro que cada vez mais se configura como caótico. Se propõem também soluções urgentes, muito que ainda, não se saibam como fazê-las. De qualquer modo, a série cumpre a necessidade do Jornalismo ambiental de noticiar os riscos climáticos, alertando o leitor do que virá (LOOSE, 2015).

4.2 (FD 2) Vulnerabilidade humana

A FD 2 indica os efeitos adversos da crise do clima quanto ao modo que as pessoas a tem sofrido. São abordados nesta formação discursiva os impactos já causados, apresentando assim sinais manifestos de alteração no quadro climático. A vulnerabilidade humana representa o aspecto mais dramático de uma catástrofe por envolver o risco de morte e as condições subumanas de vida. As seguintes SDs são representativas desta FD:

SD 58: “Há que ter paciência e tolerância”, conforma-se. “Pelo menos tenho a vida.”

SD 59: As meninas choraram a noite inteira, de medo. O vento arrasou a rede mambembe de cabos elétricos que passava de casa em casa, num bairro quase desprovido de postes. **Os dias e semanas seguintes foram de isolamento quase completo** –sem telefone, sem internet, sem poder tirar dinheiro do banco, levantando às 4h da manhã para tentar conseguir gasolina.

Ambas as SDs tratam da passagem do furacão Maria sobre Porto Rico e revelam a angústia frente ao desastre o desamparo que se instaurou nas semanas seguintes. A SD 58 manifesta o conformismo da vítima que sem dispor de ajuda governamental agradece pelo fato de ter sobrevivido. Já a SD 59 carrega o pavor da vítima e o isolamento e abandono do governo em oferecer cuidados paliativos. São marcas que permanecerão traumáticas na memória do indivíduo.

A FD 2 é composta por três famílias parafrásticas, sendo a primeira delas - a FP 4 - Vítimas da mudança climática - caracterizada por relatar as angústias das pessoas envolvidas em eventos climáticos extremos, e como tal é carregado pela dor de um trauma impagável. A FP 5 - Desamparo governamental aborda a falta de auxílio do Estado à população frente a ocorrência de catástrofes, ou sinais destes. O descuido relatado ocorre, em sua maioria, pelo despreparo em lidar com grandes desastres. A FP 6 - Desigualdade e conflitos humanos trata da existência de diferenças na lida com os efeitos climáticos adversos, considerando aspectos raciais e de classe social. Essas desigualdades, em seu extremo, levam a conflitos entre grupos numa mesma sociedade. Fundamentada no sofrimento, desamparo e desigualdade de vítimas a FD 2 é caracterizada por retratar a angústia e o pavor das pessoas atingidas por catástrofes.

Essas características conferem um retrato temeroso e impactador dos atingidos, e articulado a outras FDs, oferecem uma mostra do que se tornará cada vez mais comum no planeta. Do ponto de vista técnico, essa FD compõe a humanização e a emotividade da reportagem (SODRÉ; FERRARI, 1986).

4.3 (FD 3) Efeitos climáticos

As alterações no clima tem se tornado mais frequentes nos últimos anos, e assim, mobiliza saberes em torno da preocupação com seus efeitos. Esta FD aborda os impactos de ordem ambiental e econômica, visto que impactos humanos já se incluem

na FD 2. São de fato, sequelas de um processo contínuo e incessante que afetam a estabilidade adquirida, revelando-se grandes desafios para a humanidade. A seguinte SD exemplifica a FD 3:

SD 39: Naquela noite anormalmente quente de outono teve início o pior incêndio florestal do ano, um dos maiores da história em Portugal. **“Já vi outros fogos, mas não como esse.** Os outros arderam e apagaram-se bem.”

SD 44: **Os prejuízos materiais foram de cerca de 1 bilhão de euros** (cerca de R\$ 4 bilhões), segundo o secretário de Estado do Desenvolvimento e Coesão, Nelson de Souza. **E tudo indica que esse tipo de catástrofe pode se tornar mais frequente.**

Ao tratar do impacto do incêndio florestal a SD 39 indica a anormalidade do desastre: ele é superior aos demais, o que pode indicar a acentuação da dimensão desse evento catastrófico, como sinal de que as ameaças climáticas vem se tornando mais fortes. A SD 44, da mesma reportagem, confirma essa teoria ao apresentar os eventos climáticos extremos como mais corriqueiros, apontando que esses prejuízos irão integrar gradualmente as agendas financeiras de governos.

A FD 3 é composta por duas FPs. A primeira delas, a FP 7 - impactos ambientais indica a maneira como os sinais da mudança climática tem afetado a biosfera. Se impõe assim como FP de abordagem central da série, que busca mostrar ao leitor o desequilíbrio de diversos biomas no planeta. Já a FP 8 - prejuízos financeiros se detém no entendimento que ao afetar a biosfera, a mudança climática gera prejuízos de ordem financeira a indivíduos, instituições e governos.

De certo modo, impactos ambientais e prejuízos financeiros agregam duas perspectivas dos efeitos da crise climática. Assim sendo, oferecem em seu discurso um tom negativo e pessimista com os danos sofridos, que tardarão a serem revertidos, desafiando a tomada de atitudes. Ambas as perspectivas também se diferenciam no modo de ver os efeitos adversos da crise: o impacto ambiental alerta para a impossibilidade de reversão de certos estragos, já o prejuízo financeiro lamenta as perdas que afetam empresas e países, e que retardarão o crescimento econômico. Apresentam assim, sinais de uma mudança em contínuo andamento.

4.4 (FD 4) Enfrentamento da crise climática

O agravamento da mudança do clima, representada por sinais adversos mais frequentes mobiliza um debate na sociedade quanto a necessidade de efetuar medidas que retardam os riscos impostos. Assim, a FD 4 aborda o empreendimento de esforços que visam trazer soluções para graves problemáticas ambientais. Essas medidas têm caráter de importância visto a necessidade de informar ao público um papel de mudança de atitudes (BUENO 2007a). As seguintes SDs compõem a FD 4:

SD 19: **A boa notícia é que, em breve, a segurança hídrica da região deve melhorar.** Após seis anos de atraso, o Ministério da Integração Nacional promete entregar, no segundo semestre de 2018, os 260 km do Eixo Norte da transposição do rio São Francisco, que alimentará a bacia Piancó-Piranhas-Açu

SD 20: “Em caráter emergencial, a transposição pode ser uma boa alternativa se bem gerenciada. Mas, a longo prazo, não há medida que ofereça a redenção. **A redução dos danos da seca só será possível por meio de ações coordenadas que confirmam resiliência aos sistemas hídricos locais**”, afirma a engenheira ambiental Layla Lambiasi, coautora do estudo.

A SD 19 apresenta medidas governamentais que auxiliarão a diminuir os impactos que assolam o Nordeste brasileiro. A sequência discursiva aponta também para a dificuldade em tomar medidas, visto que a obra teve atraso de seis anos. Já a SD 20 alerta que a obra oferece uma medida mas que é preciso adotar outras ações para garantir a redução do impacto nessa região.

É nesse debate do fazer com o que é preciso ser realizado que se instauram as duas FPs da FD 4. A FP 9 - Discussão e planejamento de ações trata de medidas ainda em estudo e estruturação, apresentando os primeiros sinais da necessidade de combate à crise climática. Já a FP 10 - Tomada de atitudes indica as ações que já estão sendo praticadas visando a mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

Assim, o enfrentamento da crise climática se configura como necessidade em meio a sinais adversos, mas também aponta para uma necessidade da adoção de medidas mais profundas, indicando as ações presentes como não satisfatórias. Esta FD apresenta um tom de necessidade apontando o enfrentamento como ação com caráter de urgência em um planeta assolado por eventos climáticos extremos.

4.5 (FD 5) Conflito de deveres

A quinta FD aponta para confrontos e discussões a respeito de deveres e ações a (não) serem tomadas. Em geral, tem matriz em disputas e pendências sócio-ideológicas, apresentando discussões quanto a ações e responsáveis da crise climática. As seguintes SDs representam a FD 5:

SD 73: Para o climatologista Carlos Nobre, **a agricultura cometerá “suicídio se não se adaptar às mudanças climáticas que já ocorrem e que continuarão a ocorrer por muito tempo no futuro**, como, por exemplo, o aumento dos extremos climático como secas e ondas de calor que tantos prejuízos trazem.”

SD 74: “O filme do [ex-vice-presidente dos EUA] Al Gore deveria chamar ‘Uma mentira conveniente’, não “Uma verdade inconveniente”, diz o agrônomo Valmor dos Santos, 59, vice-presidente do Programa de Agronomia Sustentável em LEM”. **“São interesses estrangeiros tentando prejudicar nossa agricultura, a mais produtiva do mundo.”**

Integrantes de duas FPs diferentes ambas as SDs constroem um debate controverso quanto a necessidade de a agricultura tomar medidas sustentáveis frente a crise do clima. A SD 73 indica, na voz de um especialista, a obrigação da agricultura se adaptar à mudança climática, apontando-a como contínua e assim, necessária de receber atenções no tempo presente. Contudo o agrônomo, na SD 74, refuta a ideia de crise climática e indica que os esforços não precisam ser tomados.

É nessa relutância de grupos ao perigo indicado por outro grupo social que se ampara a FD 5. Ela é composta pela FP 11 - Culpabilidade pelas problemáticas ambientais que aponta responsáveis pelas catástrofes climáticas, como também pela negligência. A FP 12 - Falta de comprometimento com o enfrentamento da crise realiza uma crítica ao desinteresse no empenho à tomada de atitudes, caracterizando a inação perante a adversidade. Já a FP 13 - Negação da crise climática aborda o questionamento da existência da mudança climática, representando descrédito científico.

Deste modo, a FD 5 é norteado pela crítica a (in)ações, indicando posturas a qual grupos acreditam que de fato devem ser tomadas. Essa FD é articulada, em sua maior parte, pelas posições das fontes indicando assim pontos de vista sobre a crise climática.

4.6 Enquadramentos discursivos da série Crise do clima

Como já elucidado na seção 3.1, os enquadramentos assinalam determinados tons do discurso e indicam a seleção dos fatos. O movimento discursivo das FDs da série analisada apontou para os seguintes enquadramentos discursivos.

Tabela 2 - Enquadramentos discursivos mapeados em cada formação discursiva

(FD 1) Rumo ao caos climático
Enquadramento discursivo → risco catastrófico
O futuro está à mercê de ameaças cada vez mais frequentes e intensas e que irão impor perigos inconvenientes
(FD 2) Vulnerabilidade humana
Enquadramento discursivo → tormento dramático
A humanidade padece de uma crise climática que causa traumas e conflitos
(FD 3) Efeitos climáticos
Enquadramento discursivo → primórdio dos impactos
Os efeitos da mudança do clima tem impacto contínuo e serão cada vez mais frequentes exigindo que a prevenção entre nas agendas governamentais
(FD 4) Enfrentamento da crise climática
Enquadramento discursivo → ações retardatárias
As medidas já tomadas não irão resolver os problemas, apenas retardar os efeitos
(FD 5) Conflito de deveres
Enquadramento discursivo → confrontos sócio-ideológicos
A crise climática origina críticas e debates entre grupos sociais ideologicamente opostos

Fonte: Elaboração dos autores.

Os enquadramentos das FDs permitem observar que a série Crise do clima apresenta a mudança climática como uma conflagração desafiadora, que tem exigido

novas posturas de combate e causa, como efeito colateral, conflitos entre grupos sociais. Os enquadramentos apresentados indicam ainda que a humanidade tem apresentado uma postura de descuido com a questão, que não é suficiente para resolver a problemática.

5. Considerações finais

A crise do clima tem propiciado um debate ideológico importante quanto a adoção de novas posturas na sociedade. E como tal tem permitido a observação de novas posições no discurso, visíveis a partir dos sentidos que daí decorrem e que foram aqui investigados.

A análise do discurso serviu aqui como aparato teórico quanto de método para possibilitar a observação da série de reportagens “Crise do clima: no rastro do aquecimento global” que se constitui num reduto importante das posturas do discurso jornalístico frente aos desafios proporcionados por essa problemática. O corpus abrange os nove capítulos componentes da série e que relataram experiências caóticas em nove regiões do mundo. Foram mapeadas 116 SDs que permitiram a classificação de 5 FDs: Rumo ao caos climático, Vulnerabilidade humana, Efeitos climáticos, Enfrentamento da crise climática e Conflito de deveres, respectivamente.

A FD 1 aborda um futuro caótico visto a intensificação de mudanças climáticas o que provoca uma urgência em tomar medidas, bem como o medo e a insegurança por pouco se ter feito. A FD 2 indica que a crise do clima já tem feito vítimas e que pouco tem sido amparados. Esta formação discursiva alerta também para as desigualdades e os conflitos humanos que a mudança do clima tem gerado. A FD 3 aponta para os efeitos já manifestos pelas catástrofes, em sua dimensão ambiental e financeira, indicando a crise climática como preocupação do presente. A FD 4 apresenta a busca por soluções que reduzam ou acabem com o impacto e os riscos causados, indicando a necessidade da adoção de novas posturas frente à crise. Por fim, a FD 5 é permeada por críticas entre grupos sociais frente a necessidade de (in)ações, indicando desta forma, quais posturas cada grupo acredita ser mais correta.

Em conjunto a essas FDs a análise observou a existência de enquadramentos discursivos específicos. Relembramos aqui, os enquadramentos como sendo suporte analítico que possibilitam verificar marcas de seleção, angulação e ênfase nas reportagens (MORAES, 2016).

Os enquadramentos discursivos denotam, de modo geral, para a fragilidade no preparo para os efeitos climáticos adversos. A sua ênfase está no alerta da crise climática. Quanto a angulação, ela é em maior parte alarmista. Já o aspecto da seleção se centra no relato emotivo das vítimas, e efetiva os dizeres do mote da série: “no rastro do aquecimento global”, apresentando uma busca por narrativas dramáticas e sensibilizantes que concretizem os dizeres científicos sobre a crise climática.

6. Referências

BUENO, Wilson Costa. **Comunicação e Jornalismo Ambiental**: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007a.

_____. **Jornalismo ambiental**: explorando além do conceito. Desenvolvimento e meio ambiente. Editora UFPR. n. 15, p. 33-34, jan./jun. 2007b.

DORNELLES, Beatriz. **O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental**. Brazilian journalism research, v. 4, n. 2, p. 121-131, 2008. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/167>> Acesso em: 24 de junho de 2018.

DI FÁTIMA, B. ; LAPA, P. A reportagem na internet: uma análise das transformações narrativas do webjornalismo. In: **XV Congresso IBERCOM**, 2017.

GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GIRARDI, Ilza et al.. **Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental**. Comunicação & Sociedade. Editora C&S São Bernardo do Campo. v.34, n.1, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/5632>> Acesso em: 12 de julho de 2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **A análise do discurso**: conceitos e aplicações. ALFA: Revista de Linguística, v. 39, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967>> Acesso em: 06 de julho de 2018

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006a.

_____. **Estrutura da notícia**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2006b.

LEMOS, A. **Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 5 ed, 2010.

LOOSE, Eloisa Beling. Pensando o Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos ambientais. **III Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo Ambiental**. Disponível em: <<https://anaisenpja.files.wordpress.com/2016/01/45-63-eloisa.pdf>> Acesso em 03 de julho de 2018. p. 45-63.

LOVELOCK, James. **A vingança de gaia**. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

MORAES, Cláudia Herte de. **Rio+20 entre o clima e a economia**: enquadramentos discursivos nas revistas brasileiras. Bauru: Canal 6 editora, 2016. Disponível em: <http://www.canal6.com.br/livros_loja/Ebook_Rio20.pdf> Acesso em: 18 de julho de 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

_____. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2008

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Vozes e Diálogo**, v. 13, n. 01, 2014. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/5387>> Acesso em: 24 de junho de 2018.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

ZAMIN, Ângela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 21, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4955/495551017008/>> Acesso em: 09 de julho de 2018.